

PIERATT, Alan B. **O evangelho da prosperidade.** Vida Nova, 1993. 231p. Resumido por JLHack em abril/2001. [Análise da teologia da prosperidade e do ministério de Hagin, demonstrando a incoerência entre seus ensinos e o Evangelho do Reino. Apresentação do assunto de forma mais organizada que o livro do Gondim, refutando teologicamente os ensinos sobre a prosperidade e saúde.]

Parte 1 – Introdução

1. Visão geral

Este livro analisa a nova interpretação da Palavra conhecida como Evangelho da Prosperidade e oferecer uma resposta a ela. Adotamos a posição de que esta teologia não é uma seita, pois não nega nenhuma doutrina básica. Trata-se de uma interpretação equivocada das Escrituras que se expandiu rapidamente devido a seus líderes carismáticos, satisfação das necessidades e esperanças das pessoas e correspondência ao ambiente cultural. Parte do fascínio desta teologia está no fato aparente de prometer tanto exigindo tão pouco em troca. Examinaremos seus ensinos buscando ser justos quanto ao que afirmam e os tratando como irmãos na fé. Não é nossa responsabilidade questionar a salvação de ninguém. Estes irmãos devem ser amados e incentivados por meio da correção.

2. Antecedentes históricos

O movimento tem suas raízes históricas no pentecostalismo (grupo onde encontrou a maior parte de seus adeptos) e suas raízes filosóficas em várias seitas metafísicas do início do século 20.

A) Conexão pentecostal: o pentecostalismo não foi o pai deste movimento, mas pode ser chamado de padrasto pela forma como o abraçou e seguiu seus ensinos. As denominações pentecostais têm sido mais abertas a esse ensino por aceitarem mais facilmente dons de profecia, visões e orientações espirituais além da Bíblia. Na 2^a metade do século 19 surgiram ministérios de cura por meio da fé, que perduraram até ±1930. Nesta época, rechaçado por grande segmento dos evangélicos, acabou tendo nova vida no movimento carismático (“pentecostais” dentro das denominações históricas).

B) Raízes metafísicas: são o equivalente antigo do que hoje chamamos de Nova Era. Sua influência veio através de Hagin e Kenyon. Hagin era enfermo até os 16 anos, quando recebeu revelações do próprio Jesus e foi curado através do exercício da confissão positiva. Dedicando-se ao ministério, pastoreou diversas igrejas e fundou sua própria escola. Não teve nenhum treinamento teológico, pois diz ter recebido toda a capacitação de Jesus, o que impede qualquer um de discutir sobre sua mensagem e ministério. Kenyon teve um pouco de estudo e pastoreou igrejas de várias denominações, até se tornar um evangelista itinerante com um programa de rádio. Estudou num campus no qual fervilhavam seitas metafísicas que ensinavam que a realidade transcende a matéria e o espiritual controla o material. Este controle pode ser exercido pela mente humana, ao obter o conhecimento correto sobre as leis espirituais. Isto se aplica principalmente na saúde: se pensarmos de modo correto podemos controlá-la, eliminando as doenças. Kenyon reuniu tais conceitos à fé cristã, “aprimorando” o evangelho. Escreveu 18 livretos com seus ensinos, os quais foram intensamente plagiados por Hagin (este nega, afirmando que recebeu tudo diretamente de Deus).

3. Prévia

Veremos os ensinos desta teologia (parte 2) e depois os refutaremos (parte 3). No final, analisaremos a cosmovisão desta doutrina (parte 4) e resumiremos sua espiritualidade (parte 5).

Parte 2: Os ensinos da teologia da prosperidade

1. Autoridade espiritual

Hagin se afirma um profeta de Deus, que constantemente tem visões e palavras recebidas de Deus. Já foi ao inferno três vezes e ao céu, tendo recebido oito visitas pessoais de Jesus para ensiná-

lo. Afirma receber grande unção, que o leva a transes extáticos. Também alega ter recebido dons de inteligência e presciênciа, de ensino e cura. Milagres de levitação e ressurreição dos mortos são relatados em seus boletins. Afirma não ter tido fracassos nos 45 anos de seu ministério. Não aceita questionamentos de seus ensinos e os que se opõem serão castigados por Deus. Há forte ênfase na contemporaneidade dos sinais e maravilhas.

2. Saúde e prosperidade

Nem doenças nem problemas financeiros são a vontade de Deus para o cristão. Todos os trechos bíblicos que narram enfermidades são explicados como outras aflições ou falta de fé. Hoje as pessoas deixam de ser curadas por desconhecerem seus direitos à saúde ou, às vezes, por pecados não confessados que inibem a cura, ou ainda por opressão demoníaca. A enfermidade existe por causa do cristão ou do diabo, nunca pela vontade de Deus. Os médicos não são necessários para os cristãos maduros. Quanto à prosperidade material, é o mesmo. Hagin afirma que Deus nos quer ricos. Um cristão pobre só pode culpar a si mesmo por sua falta de fé ou de conhecimento. Também afirma que não há prosperidade quando não se dá o suficiente para a obra. É uma regra de multiplicação, um investimento a 100 por um.

3. Confissão positiva

Ensina que o cristão será prospero conforme aquilo que ele conhece sobre seus direitos (é dever do cristão compreender as leis espirituais e ter controle sobre elas), de acordo com a firmeza com que crê neles (fé) e pelo modo como os confessa. Hagin se baseia em Gl 3.13-14, afirmindo que Cristo veio nos resgatar da maldição de Moisés em Dt 28 (pobreza e doença), substituindo-a pela bênção de Abraão (financeira, física e espiritual). A verdadeira fé não fica esperando para ver se Deus responderá. Ela exige seus direitos na oração e pressupõe que foram respeitados pois são feitos em nome de Jesus e sem duvidar no coração. O nome de Jesus é um cheque em branco assinado para pedirmos tudo quanto quisermos e o Pai será obrigado a nos atender. Além disso, após a oração não pode haver dúvida de que ela já foi atendida, mesmo que as circunstâncias mostrem o contrário. Qualquer espécie de dúvida destruirá o poder da oração, por isso proíbe-se orar “se for da tua vontade” (pois é demonstração de dúvida), nem deve se repetir a mesma oração. Hagin afirma ter recebido “sim” a todas as suas orações nestes 45 anos. Ainda quanto à confissão, é preciso que seja em voz alta, afirmendo a cura e a prosperidade mesmo em face de sintomas contrários. Não se pode admitir dúvidas nem doenças, pois a palavra falada é que move o mundo espiritual. A confissão cria a realidade.

Parte 3: Respostas ao evangelho da prosperidade

Introdução

a) esta é uma nova doutrina da fé cristã que implica que a Igreja deve descartar toda a sua tradição teológica; b) é mais fácil ensinar o erro que refutá-lo; c) usar a Bíblia não garante ortodoxia, pois até as seitas a usam (embora não a interpretem pelas regras corretas); d) a intenção aqui é de fornecer material para refutar este erro.

1. Autoridade espiritual

Hagin defende sua interpretação da Bíblia com base nos seus encontros diretos com Deus. Nossa único padrão de julgamento deve ser a Palavra, tal como foi com os reformadores. Quem aceita a interpretação que Hagin faz implicitamente aceita sua autoridade como apóstolo atual, que pode trazer uma nova revelação divina.

Vamos examinar as visões de Hagin e seus alegados sinais: a) compare com as visões em Dn 10.1-19; Is 6.1-5 e Ap 1.9-17 – o mensageiro surge em poder e glória, levando o profeta ao reconhecimento de suas fraquezas e a um temor santo. O centro da atenção sempre está no Senhor e sua mensagem. Como resultado dessas visões, os profetas falavam com grande autoridade. Muito ao

contrário, nas visões de Hagin há ausência do “estar diante do Santo”, a atenção está em Hagin e o resultado é o ensino de novas coisas que nunca existiram na história da igreja. Falta o tom de humildade (como em 2Co 12.1-6) e a possibilidade de ser questionado (como At 15).

Também não há coerência interna em seus relatos, além da falsidade moral em negar o plágio de Kenyon. Quanto aos sinais, vemos que há muitos relatos miraculosos na história da Igreja e na atualidade, mas a análise coerente destes sinais elimina grande parte como “milagre”. Além disso, todo milagre deve ser questionado e estar em conformidade com o caráter de Deus. Cremos em um Deus que opera maravilhas, não em uma igreja que os opera. Com Deus os milagres são possíveis, mas não necessários, pois o milagre é muitíssimo raro.

2. Saúde e prosperidade

Deus nos ama e responde às orações do seu povo. A questão é se temos “direitos” com ele de saúde e riqueza.

A) Gl 3: Hagin identifica mal a lei, pois não é a lei de Moisés e sim a lei universal de Deus quebrada pelo pecado. A maldição da lei não é doença e pobreza e sim a condenação de Deus ao pecador. A lei é o aio que nos traz consciência do pecado e de que precisamos de um salvador. Não necessitamos ser salvos da doença e da pobreza, mas do nosso pecado. Hagin confunde o AT com o NT, afirmando que os cristãos sofrem a maldição da lei mosaica. A igreja não está debaixo desta lei. As doenças sobrevieram como resultado da queda de Adão. Dt 28 se refere apenas aos judeus. Hagin também errou ao identificar a bênção de Abraão como sendo prosperidade material, pois na verdade esta bênção é a esperança de salvação às nações por meio dele. O erro básico está em dizer que a expiação de Cristo removeu não apenas o pecado, mas também os seus efeitos.

B) Exiação: a Bíblia diz que a redenção é um processo que se desdobra no tempo. Muita coisa ainda é futuro e só receberemos completa redenção após a 2^a vinda de Cristo. Embora permaneça a propensão ao pecado e nossa corrupção do corpo, recebemos paz com Deus e restauração progressiva do caráter.

C) Saúde: a vida isenta de doenças prometida por Hagin não existe na realidade. A Palavra mostra exemplos de privações que negam os pressupostos da “vida vitoriosa” de Hagin. Este, porém, se defende alegando que a culpa era deles por não reivindicarem seus direitos. A Bíblia diz que Deus emprega as aflições (incluindo doenças) sempre com propósitos: fins disciplinares para crentes e incrédulos; promover crescimento; para sua glória. Deus também provê cura quando lhe apraz. Tg 5.13-15 aponta para a intercessão necessária pelos doentes. A teologia de Hagin é ultra-realizada, pois traz para o presente as promessas de cura que pertencem ao futuro.

D) Riqueza: o NT nunca apresenta a riqueza como algo a ser buscado, mas como uma armadilha ou perigo que deve ser evitado. Deus prometeu que atenderia nossas necessidades (alimento e roupa), mas não nossos desejos. Também não é a pobreza o ideal bíblico, mas a prosperidade sem o apego do coração às riquezas, o qual gera autossuficiência e independência de Deus. As riquezas nem sempre vêm de Deus (Lc 4.6). A prosperidade é um bem se for concebida no sentido de uma vida ordeira e decente, sem preocupação excessiva com pagamento de contas, consumo e educação, em que sobra o necessário para ajudar o próximo. Esta teologia de “retribuição” foi pregada pelos amigos de Jó, crendo que prosperidade é sinal de bênção divina e o sofrimento, de pecado. Foram, porém, condenados por Deus (Jó 42.7).

3. Confissão positiva

A teologia da prosperidade tem semelhanças com o deísmo em sua cosmovisão de um Deus que estabeleceu leis espirituais e agora não precisa mais intervir no mundo.

A) Providência: tal conceito de distanciamento de Deus é errado, pois Deus é soberano e intervém em cada área da vida, visando seus propósitos eternos.

B) Oração mágica: o mundo espiritual não é a “Força” que Skywalker controla com sua mente. Fórmulas e métodos não tem lugar na espiritualidade cristã, pois são uma visão mágica de controle do espiritual. Hagin crê que há fórmulas infalíveis (usar “em nome de Jesus”) para a oração, mas isto contraria o ensino bíblico (At 19.13-18). Tg 4.3 alerta para os motivos pelos quais oramos. Deus é soberano para responder “não” às orações (Moisés não entrou em Canaã, Paulo e o espinho) e não está sujeito à reivindicação de “direitos”.

C) Fé exigente: Hagin inverteu os conceitos de humilhação na presença de Deus. A Palavra está repleta de pedidos condicionados à realização da vontade de Deus (Mc 14.35; Dn 3.17-18). A fé bíblica não presume conhecer os propósitos de Deus quanto à vida e à morte, mas confia e obedece independentemente das circunstâncias.

D) Confissão criadora: para Hagin Deus cria porque tem fé (que para ele é a força que cria), Deus fala e acontece, e isto também pode ser feito pelos homens que tem fé. Tal conceito de “Deus tem fé” é estranho à Palavra, pois fé não é força que cria a realidade.

E) Medicina: Hagin descarta o uso da Medicina pois isto demonstra falta de fé, mas a provisão de Deus não descarta os meios humanos, antes os exige.

Parte 4: Cosmologia da prosperidade

Introdução

A cosmovisão de Hagin é dualista, dividindo a realidade em dois opostos: o espiritual e o material, sendo o primeiro superior. O que vai além do ensino bíblico é a ideia de que o material é indigno ou insignificante diante do espiritual, levando a crer que o homem é apenas espírito e pode controlar o mundo espiritual.

1. Dualismo de corpo e espírito

Hagin ensina que o homem é um espírito, tem uma alma e vive num corpo. Apenas o homem interior é o “eu” real, e só com o espírito podemos ter contato com Deus. Uma consequência deste dualismo é que os problemas que o homem enfrenta precisam ser espirituais. Isso inclui a doença e por isso a ajuda médica é descartada. Diz ele que a nossa confissão (tanto positiva quanto negativa) cria a realidade espiritual que, por sua vez, controla o mundo físico. Do ponto de vista bíblico, Hagin erra por não perceber que os três elementos da natureza humana são um só ser. O espírito não é oposto ou superior ao corpo, mas igual em importância. Nossa natureza não é igual à de Deus. O homem não salvo não é um demônio, nem o restaurado é um deus.

2. Dualismo no conhecimento

O conhecimento, segundo Hagin, também apresenta uma divisão em espiritual (“verdade revelacional”) e físico (“conhecimento dos sentidos”), sendo este o inferior. A razão é rejeitada no que se refere à fé, pois com ela não podemos entender a Bíblia nem perceber a direção de Deus. Esta separação impossibilita o confronto deste ensino, que vem do conhecimento superior de Hagin, com o ensino restante da Igreja, que é inferior e segundo a razão. A Bíblia nega este desprezo da razão e declara que devemos conhecer a Deus também com nossa mente. Esta divisão dualista de Hagin o aproxima muito dos gnósticos, com seu conhecimento especial só para iniciados.

Suas afirmações o colocam como profeta acima do que diz a Palavra. Quanto à orientação de Deus para nossas vidas, Hagin diz que basta seguir nosso espírito, que é o testemunho interior do Espírito Santo. Entretanto, devido à corrupção do nosso coração, aquilo que sentimos ser verdade nem sempre é verdade. Por isso precisamos analisar nossos sentimentos racionalmente. Também não são todos os sinais que vem de Deus, por isso precisam ser testados. O aspecto externo do milagre não traz consigo nenhum sinal confiável de sua origem. É preciso precaução ao seguir a orientação interior de alguém ou mesmo a nossa.

3. Dualismo na salvação

Mantendo coerência, Hagin afirma que a expiação de Jesus teve seu aspecto espiritual. Jesus teve que morrer duas vezes, física e espiritualmente, sendo que esta morte ocorreu no inferno, para onde foi após a morte física. Contrapondo este ensino, a Bíblia mostra que Jesus não sofreu após sua morte na cruz; nem sequer “morte espiritual” ocorre na Palavra; o plural “mortes” em Is 53.9 indica apenas destaque do substantivo. Também as Escrituras se opõem ao ensino de que a natureza de Cristo foi transformada na de Satanás. A correta interpretação de 2Co 5.21 é elucidada por Is 53.5: Cristo sofreu as consequências do pecado por nós.

4. Dualismo de deuses

O ensino da prosperidade tende a enxergar Satanás como um deus oposto e quase igual a Jeová. Ele é acusado de todos os problemas e aflições na vida, inclusive a morte física. Também é a origem da natureza humana decaída (os homens receberam a natureza satânica). A Palavra responde mostrando que o diabo é poderoso, mas não é igual a Deus, nem mesmo senhor sobre a morte e a destruição. Também não é o culpado por todos os problemas do mundo, pois o homem é responsável diante de Deus por suas escolhas. A Palavra também mostra que Deus detém o controle sobre o que Satanás pode fazer (Jó 1). Isto o impede de por sua natureza no homem caído, tanto quanto a redenção não é a deificação do homem. O que é restaurado em Cristo é a imagem de Deus em nós, não o próprio Deus.

5. O problema do mal

Por que coisas ruins acontecem a pessoas boas? Segundo Hagin, não há razão para que o cristão não esteja sempre saudável e prosperando. Os que têm problemas devem culpar a si mesmos, pois ou estão em pecado ou desconhecem seus direitos, ou ainda não tem suficiente fé. Tais argumentações são derrubadas pela história da igreja e pelo exemplo de Jó. Este era um homem justo (1.8) e sofreu, demonstrando que o sofrimento não é exclusivamente fruto do pecado. O justo pode sofrer conforme a vontade de Deus, para manifestar a sua glória. A resposta de Agostinho ao sofrimento concentra-se na queda (Gn 3) – Deus criou o mundo bom e o mal surgiu como consequência do pecado do homem. Isto só foi consertado na redenção efetuada por Cristo.

Parte 5: A espiritualidade do evangelho da prosperidade

1. Promessas e exigências

Espiritualidade é o estado do relacionamento com Deus. A de uma religião pode ser vista naquilo que oferece a seus seguidores quanto a este relacionamento e quanto ao que Deus exige em troca. Hagin promete muito exigindo pouco de volta: sua liderança é a promessa e submissão dos outros é a exigência. Mas a única regra deve ser a Palavra e não qualquer conhecimento secreto obtido por líderes que se autonomeiam profetas. Quanto às promessas de saúde e prosperidade, elas mesmas se tornam exigências, pois o cristão é obrigado a ter saúde e prosperidade para indicar que está bem com Deus. Na espiritualidade bíblica, o cristão pode falhar e sofrer, sem garantias de sucesso. As exigências bíblicas não são poucas: a fé deve ser humilde e com gratidão, procurando servir a Deus e aos homens.

2. Teologia da glória e teologia da cruz

A primeira descreve bem o evangelho da prosperidade, pois afirma que o cristão deve ter uma vida vitoriosa. Em contraste, a segunda nos aponta o sofrimento de Cristo como padrão, exigindo que crucifiquemos nossos desejos (ao invés de exigi-los como direitos). Obter a glória sem passar pela cruz é a essência deste novo evangelho errado.